

Ecofeminismo: perspectivas teóricas, metodológicas e aplicabilidade na literatura

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos (IFPB, Campus Monteiro), Alice Giovanna de Oliveira Amorim (IFPB, Campus Monteiro), Giovanna Maria de Queiroz Maciel (IFPB, Campus Monteiro), Júlia Farias Nascimento Alexandre (IFPB, Campus Monteiro), Maria Clara Berto Quintans (IFPB, Campus Monteiro) e Rafael Venâncio (IFPB, Campus Monteiro).

E-mail: adaylson.vasconcelos@ifpb.edu.br, amorim.oliveira@academico.ifpb.edu.br, giovanna.queiroz@academico.ifpb.edu.br, farias.julia@academico.ifpb.edu.br, clara.quintans@academico.ifpb.edu.br, rafael.venancio@ifpb.edu.br.

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 8.00.00.00-2 Linguística, Letras e Artes.

Palavras-chave: ecofeminismo; literatura; natureza; equidade; direitos humanos.

1. Introdução

O presente texto integra o projeto “*Direitos humanos, meio ambiente e gênero: discussão de hoje na redação do ENEM*” e propõe uma análise introdutória sobre o ecofeminismo, destacando suas interfaces com questões contemporâneas de justiça social, ambiental e de gênero. Em um contexto em que o ENEM exige dos candidatos não apenas domínio da escrita, mas também sensibilidade para temas atuais e interdisciplinares, discutir o ecofeminismo revela-se fundamental.

O ecofeminismo, enquanto vertente do feminismo, denuncia a conexão estrutural entre a opressão das mulheres e a exploração da natureza, ambas perpetuadas por sistemas patriarcais, capitalistas e coloniais. Desde os anos 1970, com Françoise d'Eaubonne, o movimento propõe que a emancipação feminina esteja diretamente ligada à justiça ambiental, defendendo uma sociedade baseada no equilíbrio, na colaboração e no respeito à diversidade (RANC, 2022). Suas diferentes correntes – clássica, construtivista e latino-americana – ampliam o debate ao abordar desde a crítica à naturalização da mulher até o protagonismo de mulheres pobres, indígenas e negras na resistência à manipulação ambiental.

O pensamento de Vandana Shiva, uma das principais referências do ecofeminismo contemporâneo, aprofunda e amplia essas discussões ao propor uma cosmovisão que coloca a vida, em sua diversidade e interconexão, no centro da organização social, política e econômica. Para Shiva, natureza e mulheres são sujeitas vivas e independentes, historicamente invisibilizadas e exploradas pelo patriarcado capitalista, que enxerga ambas como objetos inertes, disponíveis à dominação e ao lucro (SHIVA, 2020). A autora defende que a criatividade e a produtividade das mulheres e da natureza são a base de todas as economias e sistemas de conhecimento, embora sistematicamente desvalorizadas pelo modelo dominante.

Vandana Shiva destaca o papel fundamental das mulheres, dos povos tradicionais e dos agricultores na construção de alternativas ao paradigma da monocultura, do extrativismo e da mercantilização da vida. Seu ativismo se materializa em movimentos como o Navdanya, que promove a soberania alimentar, a preservação da biodiversidade e a valorização dos saberes tradicionais, em oposição ao controle das grandes corporações e à lógica da Revolução Verde. Shiva denuncia a monocultura da mente e da semente, que reduz a diversidade biológica e cultural, e propõe a agroecologia, o cuidado e o compartilhamento como caminhos para a sustentabilidade e a justiça socioambiental.

Na sua proposta fundante, o ecofeminismo articula teoria e prática, promovendo uma crítica ao patriarcalismo, ao androcentrismo e ao neoliberalismo, defendendo modelos sociais baseados na reciprocidade, no cuidado e na cooperação (MIES; SHIVA, 2021). Sua abordagem interseccional considera as múltiplas dimensões da opressão (gênero, raça, classe, território), valorizando saberes locais e experiências de mulheres e comunidades tradicionais, em diálogo com áreas como ecologia política, economia solidária e estudos culturais. No Brasil e em outros países do Sul Global, o ecofeminismo inspira iniciativas de sustentabilidade, justiça social e defesa dos territórios, evidenciando seu potencial transformador.

Na literatura, o ecofeminismo se manifesta como abordagem crítica que questiona o cânone, valoriza autoras e personagens femininas e propõe leituras que articulam gênero, natureza e poder. Escritoras como Vandana Shiva, bem como autoras latino-americanas, africanas e indígenas, evidenciam em suas obras a resistência feminina diante da exploração ambiental e social, contribuindo para a formação de uma consciência crítica e cidadã (LIMA, 2021). A crítica literária ecofeminista amplia o escopo da análise para além da literatura ambiental, incluindo múltiplos gêneros e perspectivas, promovendo o diálogo entre literatura, sociedade e natureza.

Assim, ao articular as dimensões ecológicas, sociais e de gênero, o ecofeminismo oferece à literatura um campo fértil para a problematização das relações de poder e para a valorização de vozes historicamente silenciadas, especialmente de mulheres e comunidades tradicionais. A crítica literária ecofeminista, ao expandir seu olhar para além dos textos escritos por mulheres ou que tratam explicitamente de temas ambientais, propõe uma leitura interdisciplinar e aberta, capaz de revelar como as narrativas literárias refletem, denunciam e desafiam as estruturas de dominação e

exclusão presentes na sociedade (SCHINCARIOL, 2023).

A interface entre ecofeminismo, literatura e direitos humanos é estratégica para promover justiça, dignidade e igualdade de gênero, conforme previsto na Constituição brasileira e em tratados internacionais. Ao denunciar violências e exclusões, o ecofeminismo propõe alternativas éticas e políticas para sociedades mais justas e sustentáveis, enquanto a literatura amplia a consciência social ao narrar experiências de opressão e resistência, reafirmando a centralidade da vida, do cuidado e da diversidade (SHIVA, 2020).

2. Materiais e métodos

Esta pesquisa utiliza uma perspectiva qualitativa, baseada em uma análise e organização da literatura existente, incluindo publicações acadêmicas, ensaios e obras especializadas que abordam o ecofeminismo, seu desenvolvimento, conceitos centrais e exemplos de aplicação em textos literários. A opção por esse método se justifica pela necessidade de identificar os fundamentos teóricos do tema, compreender seu percurso histórico e examinar como ele é empregado na leitura de obras literárias, bem como em sua relação com questões de direitos humanos, meio ambiente e gênero. O levantamento bibliográfico foi conduzido em duas direções complementares: de um lado, a apreciação de referências internacionais de destaque, como os trabalhos de Françoise d'Eaubonne, Maria Mies e Vandana Shiva; de outro, a análise de estudos recentes produzidos no Brasil, incluindo artigos publicados em revistas especializadas, o que permitiu não apenas reconhecer os princípios do ecofeminismo, mas também suas adaptações e impactos no contexto sociocultural brasileiro, além de fontes como o *Polítize!* e o *Blog Mulheres na Filosofia*, da Unicamp.

A metodologia adotada foi estruturada em três etapas centrais. Inicialmente, foi realizada uma retrospectiva histórica do campo, investigando as raízes do ecofeminismo nos movimentos feministas e ecológicos das décadas de 1970 e 1980, com ênfase na contribuição de ativistas como Vandana Shiva e Maria Mies, que ressaltam a ligação entre a opressão feminina e a degradação ambiental. Na sequência, foi feita uma organização dos conceitos principais, por meio da comparação de noções essenciais, como dominação patriarcal, ética do cuidado, interseccionalidade e justiça ecológica, analisando como esses elementos dialogam tanto com a crítica literária quanto com a promoção dos direitos humanos. Por último, esses referenciais teóricos foram empregados na leitura de produções literárias, abrangendo romances, poesias e relatos orais, a fim de avaliar a utilidade das abordagens ecofeministas na compreensão de textos que exploram questões ambientais, disparidades de gênero e processos de resistência social.

A seleção dos textos foi orientada pela busca de materiais com fundamentação teórica consistente e impacto social, levando em conta critérios como relevo no meio acadêmico e alinhamento com os temas centrais do projeto, a saber: direitos humanos, questões ambientais e gênero. Para garantir uma análise ampla, foram incluídas tanto referências clássicas do ecofeminismo quanto estudos sobre a literatura brasileira, ampliando a perspectiva para além do enfoque ocidental e reconhecendo diferentes visões, com destaque para abordagens interculturais e descolonizadoras.

Os recursos examinados podem ser classificados em três grandes conjuntos. O primeiro reúne textos teóricos de alcance internacional, incluindo publicações fundamentais, livros de orientação e ensaios reflexivos que sustentam o desenvolvimento do ecofeminismo, como os escritos de Vandana Shiva, que evidenciam a atuação de mulheres e de comunidades tradicionais na busca por alternativas ao modelo de monocultura e à exploração predatória dos recursos naturais. O segundo conjunto corresponde à produção crítica brasileira, composta por artigos que exploram o ecofeminismo em interface com a educação, estudos sobre a literatura da Amazônia e investigações que relacionam questões ambientais à literatura brasileira. Por fim, o terceiro conjunto é formado por obras literárias que abordam questões socioambientais e de gênero, escolhidas por sua relevância cultural, com atenção à sua utilidade para o ENEM.

A investigação se desenvolve em quatro fases articuladas. Na primeira, é feita um mapeamento dos conceitos, destacando termos centrais e suas variações de significado em distintos contextos culturais. A segunda fase dedica-se à análise das narrativas, observando recursos literários que desafiam a oposição clássica entre natureza e sociedade, como metáforas do desastre ambiental presentes em textos que relacionam intervenções no meio ambiente à opressão de gênero. A terceira etapa consiste em uma avaliação política, examinando o potencial dos textos para promover mudanças, alinhando-se à perspectiva de que o ecofeminismo deve ter caráter ativo e propositivo. Por fim, a quarta fase estabelece conexões entre as ideias ecofeministas e os temas frequentes das redações do ENEM, apontando possibilidades de articular literatura, educação ambiental e equidade de gênero nas práticas de ensino.

Essa estratégia metodológica evidencia que o ecofeminismo, mais do que um instrumento de análise, atua como elo integrador entre o meio acadêmico, a educação escolar, o engajamento em causas socioambientais e a defesa dos direitos humanos. Dessa forma, colabora para o desenvolvimento de uma consciência crítica e engajada diante das questões ambientais, sociais e de gênero que marcam a atualidade.

3. Resultados e discussão

Olhando para o futuro, o ecofeminismo se apresenta como um campo em expansão e importância crescente diante dos desafios globais que envolvem justiça ambiental, equidade de gênero e sustentabilidade. A avaliação das crises ecológicas e climáticas, como aponta autores como Alicia Puleo (2023) e Vandana Shiva (2020), torna urgente a revisão crítica dos modelos de desenvolvimento, ciência e tecnologia, assim como as estruturas de poder patriarcais e capitalistas que historicamente marginalizam as mulheres e degradam a natureza.

No horizonte próximo, termos como *cuidado coletivo*, *sustentabilidade da vida*, *corresponsabilidade*, *justiça*

ecossocial e *interseccionalidade* despontam como centrais para o aprofundamento dos estudos ecofeministas. A proposta é superar a dicotomia natureza/cultura, promovendo uma ética que coloca a vida e o cuidado no centro da organização social, política e econômica, e que reconheça o papel histórico das mulheres – especialmente camponesas, indígenas e negras – na manutenção dos agroecossistemas e na reprodução social.

A literatura e os estudos culturais tendem a desempenhar um papel estratégico nesse processo, funcionando como espaços de visibilização das múltiplas formas de resistência e de proposição de novos imaginários sociais. A análise ecofeminista de obras literárias brasileiras pode contribuir para a identificação de narrativas que denunciam a exploração de territórios e corpos, ao mesmo tempo em que sugerem alternativas para a construção de sociedades mais justas e sustentáveis.

Para as próximas décadas, o ecofeminismo deverá ser treinado em diálogo com temas como justiça climática, soberania alimentar, direitos territoriais, descolonização do conhecimento, participação política das mulheres e movimentos sociais transnacionais. A transversalidade e a pluralidade do ecofeminismo permitem integrar múltiplas abordagens e construir soluções sinérgicas para problemas complexos, tornando-o um paradigma essencial para compensar a relação entre humanos, natureza e sociedade.

Em suma, o futuro dos estudos ecofeministas passa pela consolidação de uma perspectiva crítica e propositiva, capaz de inspirar práticas sociais, políticas públicas e produções culturais. Termos como *ecofeminismo decolonial*, *ativismo climático feminino*, *agroecologia feminista* e *ética do cuidado planetário* deverão ganhar destaque nos debates acadêmicos e sociais, sinalizando um novo horizonte ecossocial para o século XXI.

5. Considerações finais

As reflexões elaboradas ao longo deste texto demonstram que o ecofeminismo constitui uma abordagem teórica e prática necessária para a compreensão e o enfrentamento dos desafios contemporâneos relacionados à justiça ambiental, equidade de gênero e sustentabilidade. Ao articular criticamente as dimensões ecológicas, sociais e de gênero, o ecofeminismo amplia o escopo da análise literária, valoriza vozes historicamente silenciadas e propõe novas formas de resistência e transformação social. Autoras como Françoise d'Eaubonne e Vandana Shiva evidenciam que o ecofeminismo vai além da denúncia das múltiplas formas de opressão, oferecendo alternativas éticas e centradas no cuidado, na diversidade e na valorização da vida. Movimentos e experiências de mulheres camponesas, indígenas e negras, tanto no Brasil quanto em outros países do Sul Global, ilustram o potencial transformador do ecofeminismo na promoção de práticas sustentáveis, na defesa dos territórios e na valorização dos saberes tradicionais, em oposição ao paradigma da monocultura e do extrativismo.

No campo literário, a crítica ecofeminista permite revisitar obras brasileiras, sob uma ótica que evidencia as relações entre gênero, território e meio ambiente, mesmo quando esses temas não eram explicitamente nomeados. A literatura, nesse contexto, consolida-se como espaço de denúncia, visibilidade e construção de novos imaginários sociais, fundamentais para a promoção dos direitos humanos e da justiça ecossocial. Olhando para o futuro, termos como *cuidado coletivo*, *sustentabilidade da vida*, *justiça ecossocial* e *interseccionalidade* despontam como centrais para o aprofundamento dos estudos ecofeministas, que devem dialogar com temas como justiça climática, soberania alimentar, descolonização do conhecimento e participação política das mulheres. Assim, o ecofeminismo reafirma-se como um paradigma essencial para compensar a relação entre humanos, natureza e sociedade, inspirando práticas sociais, políticas públicas, currículos escolares e produções culturais externas para a construção de sociedades mais justas, plurais e sustentáveis.

Agradecimentos

Ao IFPB, pelo apoio institucional disponibilizado ao projeto de pesquisa na Chamada Interconecta 01/2025.

Referências

- LIMA, J. D. de. Semear o futuro: Vandana Shiva começou lutando pela floresta na Índia e criou movimento para salvar milhares de sementes. **ECOIA Uol**, São Paulo, 31 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://11nk.dev/rSraO>>. Acesso em: 17 de maio de 2025.
- MIES, M.; SHIVA, V. **Ecofeminismo**. Trad. Carolina Caires Coelho. Belo Horizonte: Editora Luas, 2021.
- PULEO, A. O ecofeminismo fala sobre superar todas as dominações e pensar outro modelo de sociedade. **Somos Iberoamerica**. 27 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://11nq.com/DNcVI>>. Acesso em: 17 de maio de 2025.
- RANC, A. Françoise d'Eaubonne and the imperfect foundation of ecofeminist thought. **Green European Journal**, Bruxelas, 24 de agosto de 2022. Disponível em: <<https://encr.pw/QNWN6>>. Acesso em: 17 de maio de 2025.
- SCHINCARIOL, Marcelo. Entre os estudos culturais e os estudos literários: uma breve discussão sobre a crítica literária ecofeminista. **Gragoatá**, Niterói, v. 28, n. 61, e56665, mai.-ago. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v28i61.56665.pt>. Acesso em: 17 de maio de 2025.
- SHIVA, V. Ecofeminismo. **IHU Unisinus**, São Leopoldo, 2020. Disponível em: <<https://encr.pw/mfApq>>. Acesso em: 17 de maio de 2025.